

Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó



Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó
13 a 16 de outubro de 2002

Comissão Organizadora

José Alexandre Felizola Diniz

Maria Cleonice Vergne

Maria Luzia M. Vieira

Maria Tereza S. Cruz

Fernando Lins de Carvalho

Almir Souza Vieira Júnior

Ilustração da capa: Fragmento do painel do Sítio Letreiro

Editoração Eletrônica: Adilma Menezes

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó faz entrega à comunidade científica nacional dos Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, evento realizado em Canindé do São Francisco, de 13 a 16 de outubro de 2002.

Do presente volume constam o relatório sobre o que foi o Workshop, os textos completos das conferências proferidas pelos professores José Luís de Moraes, Pedro Inácio Schmitz e Carlos Alberto Etchevarne, os resumos das 20 comunicações apresentadas em painel e os programas dos minicursos ministrados pelas Professoras Aracy Losano Fontes, Tânia Andrade Lima, Margarida Davina Andreatta, Marisa Coutinho Afonso e Márcia Angelina Alves.

Com essa publicação, o MAX conclui as atividades do Workshop e divulga, no meio arqueológico, as atividades e a produção resultante do evento.

O MAX espera que o Encontro tenha contribuído para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no país, almejando que dele possa advir um maior interesse por esse campo da pesquisa científica.

ARQUEOLOGIA DO COTIDIANO: HÁBITOS PÚBLICOS E PRIVADOS EM SÃO CRISTÓVÃO – 1850/1920¹

Fábio Silva Souza*

O sítio primitivo são-cristovense foi transferido do local duas vezes, mantendo o mesmo nome. No entanto, não há registros precisos de onde poderiam ter se localizado esses sítios. O sítio atual, localizado a 25 quilômetros da atual capital sergipana, surge somente no século XVII. A atual São Cristóvão consolidou não apenas a paisagem edificada, mas, sobretudo, relações sociais, disputas de interesses políticos de diferentes classes específicas e modos vivenciais distintos. Este trabalho se insere em um momento histórico, marcado por profundas mudanças políticas, econômicas e sociais, no plano ideológico e material, que marcaram a transição do regime monárquico para o republicano.

São Cristóvão, oitocentista, passou por um período marcante em sua história em 1855, quando deixa de ser capital sergipana em detrimento da transferência para as praias de Aracaju². Ela, que por mais de dois séculos foi a capital sergipana, assistiu a um período caracterizado por profundas mudanças econômicas, ideológicas e sociais, e conseqüentemente em suas

*Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe; Aluno do NPGEO / UFS – Área de Concentração: Estudos Arqueológicos; Professor do ensino médio e superior.

1 Este trabalho, em sua versão original, foi orientado pelo Prof. Dr. Rogério Proença Sousa Leite e apresentado à disciplina “Teoria Arqueológica”, ministrada pela professora Dr^a. Tânia Andrade Lima no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – Área de Concentração: “Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial” – Estudos Arqueológicos. Universidade Federal de Sergipe – 2002.

2 A mudança da capital sergipana representou algo muito dispendioso, afinal, era preciso criar condições mínimas que suportassem a demanda de toda uma população em detrimento de um espaço já consolidado. Aracaju, segundo Luiz Fernando Ribeiro Soutelo (Diretor-Geral do Instituto do Patrimônio Cultural de Sergipe), possuía um comércio ainda insipiente, não havia, portanto, outras formas mais viáveis de ofertar situações mínimas para assegurar uma população senão o funcionalismo público.

estruturas materiais e imateriais. A transferência da capital sergipana, caracterizada por intensos protestos que marcaram a sociedade são-cristovense, constitui um fator bastante emblemático para essa sociedade, representativo, portanto, de análise arqueológica, na medida em que se deixa de lado todo um *locus* material edificado, palco de relações sócias cotidianas.

O estudo dessas sociabilidades, em suas atividades públicas e privadas, na busca de uma reconstituição arqueológica da sociedade são-cristovense, constitui um tema pouco estudado. Este espaço, bem como sua paisagem, é bastante relevante para o desenvolvimento de estudos arqueológicos, por possuir um conjunto arquitetônico edificado formado por monumentos históricos ao estilo barroco, construído no século XVII e, reconhecido pelo Patrimônio Histórico Nacional desde 1939 quando foram tombados. A cidade de são-cristovense e o estudo arqueológico de suas sociabilidades, neste momento, são bastante representativos por conservar suas características físicas de sítio arqueológico. Ao contrário do Bairro do Recife Antigo e do Pelourinho, em Salvador, que passaram por processos de revitalização urbana, alterando sua configuração natural, em detrimento de uma determinada plasticidade artística, visando o turismo.

Através do conhecimento da utilização de determinados espaços, físico e simbólico, da compreensão de modo arqueológico estabelecendo correlações dos usos espaciais e dos elementos da cultura material são-cristovense, pretende-se estudar hábitos públicos e privados desta, realizando uma pesquisa compreendendo o período de 1850 a 1920.

Para se conhecer as relações sociais em um determinado contexto histórico-espacial, levando-se em consideração os elementos da cultura material, torna-se necessário localizá-las de forma contextualizada, estabelecendo tipologias e seriações. Esse procedimento poderá fornecer pistas de onde, quando e quais os tipos de relações sociais eram processadas na sociedade daquele período. De posse dessas tipologias, o passo seguinte será a construção de categorias, levando-se em consideração o espaço, o tempo, o estilo associado ao simbólico que deverão ser analisadas arqueologicamente.

O primeiro passo constitui o levantamento de fontes documentais, primárias e secundárias, oficial e não oficial, incluindo crônicas e relatos de viajantes. Essa documentação poderá revelar dados sobre arrecadação de impostos, número de habitantes e de alvarás para novas construções a

serem analisadas. Essa fase consiste na formação de um banco de dados, sobre relações sociais e sua relação com o contexto espacial, formando um perfil econômico-social da população são cristovense diante da mudança da capital ocorrida em 1855.

O passo seguinte será a realização de um mapeamento cartográfico. Tomando-se como base três tipos de construções: religiosa, pública e casas privadas. Serão apresentados mapas, provavelmente por décadas, adotando-se perspectivas de análises arqueológicas e, buscando a correlação entre espaços e usuários, suas prováveis alterações no decorrer do tempo.

Serão realizadas entrevistas abertas objetivando o complemento e/ou a obtenção de alguma nova informação. A oralidade constitui, juntamente com o levantamento das imagens pictóricas, sejam iconográficas, cartográficas ou fotográficas, umas das fases do trabalho de campo. Este procedimento torna-se necessário para o entendimento de práticas sociais, mantidas vivas através da oralidade e da tradição, presentes na vida cotidiana desses habitantes. Através desse procedimento poderá ser possível o enriquecimento dos dados, trazendo informações que, provavelmente, não poderão ser encontradas nas fontes escritas. O levantamento de informações orais promoverá a formação de um banco de dados, que poderá ser fortalecido através do cruzamento de informações dessas fontes.

O espaço será abordado em suas características físicas e simbólicas. A primeira fornecerá elementos para a análise espacial no tocante ao posicionamento topomorfológico. Geralmente localizado em colinas de vertente ou planície aluvial, pois, pode indicar o domínio visual, o isolamento, o espaço para a instalação, etc., ou ainda o aproveitamento de recursos naturais, etc. A outra forma de caracterizar o espaço, constitui o seu entendimento enquanto cenário de comunicabilidade social, em outras palavras, propõe-se, aqui, entendê-lo enquanto espaço percebido, através da pretensão de se estabelecer uma relação que possa tornar possível à identificação social entre os valores simbólicos e a relação de interação com os aspectos da paisagem.

A arquitetura – relativamente mais fácil de ser trabalhada por se tratar de algo material encontrado em superfície, e muito provavelmente melhor conservado que outros elementos encontrados no interior dessa ou nas camadas estratigráficas – será abordada em suas duas tradições; a acadêmica e a vernacular. A primeira consiste basicamente num conhecimento adquirido através do ensino formal e praticado pelos arquitetos profissio-

nais, enquanto, a vernacular, de modo geral pode ser associada às formas arquitetônicas mais “puras”, representativas do conjunto de crenças e de atitudes de um povo. Desse modo, constará na bibliografia deste trabalho um breve referencial teórico, que verse sobre a tradição acadêmica, permitindo uma melhor compreensão da temática. A leitura desses livros fornecerá pistas relacionadas não só à arquitetura, mas, de modo geral, poderá ser elucidativo na medida em que permita o entendimento do traçado urbano, da importação de estilos, entre outros aspectos.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE LIMA, Tânia. “El huervo de la serpiente: una arqueología Del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XVIII”. *In: A. Zarankin y F.A. Acuto (eds.) Sed non satiata: Teoría social en la arqueología Latinoamericana Contemporanea*. Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 1998. p: 189-238.

AZEVEDO, Paulo Ormindo David de (coord.). **Plano urbanístico de São Cristóvão: análise do meio físico e social**. v. 1. Salvador UFBA, 1980.

_____. **Plano urbanístico de São Cristóvão: estudo da evolução urbana**. v. 2. Salvador UFBA, 1980.

_____. **Plano urbanístico de São Cristóvão: análise da estrutura urbana**. v. 3. Salvador UFBA, 1980.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. Vol. 1.

FREYRE, Gilberto. **A casa brasileira**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971.

_____. **Rurbanização: Que é?** Recife: Ed. Massangana, 1982.

_____. **Sobrados e mucambos**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção: primeiros passos; 51).

_____. **O que é arquitetura.** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção: primeiros passos; 16).

LEITE, Rogério Proença Sousa. **Espaço Público e Política dos Lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo.** UNICAMP. 2001. Tese de doutorado não publicada.

ORSER Jr., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.